

POR QUE DIALOGAR COM E. P. THOMPSON?

*Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura**

*Marcos Antonio da Silva**

Edward P. Thompson morreu em 1993. Sua morte não alcançou, entre nós, a repercussão que corresponderia à importância da obra que elaborou: quando muito, houve algumas breves e pessoais notas na imprensa, como que dando por encerrada a trajetória desse historiador e militante político inglês, irreverente pacifista da Nova Esquerda, laconicamente.

Entretanto, a morte de Thompson trouxe à tona a oportunidade de (re)discutir o anseio de renovação que sua obra imprimiu aos caminhos da produção historiográfica brasileira e internacional, do revisionismo que motivou. A FFLCH/USP e a PUC-SP, na ocasião, promoveram ciclos de debates sobre esse autor, cujos resultados compõem, parcialmente, este volume.

No apaixonado exercício de historiador, Thompson se propôs resgatar, *dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade*, do esquecimento, *os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores*. (*A formação da classe operária inglesa*, tradução de Denise Bottman, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.) De seus textos, a ação humana emerge em toda a plenitude: homens e mulheres, imersos no passado, recuperam sua historicidade e se projetam enquanto construtores da própria História. É possível, assim, ouvir suas vozes, imaginar seu rosto, visualizar seus projetos. Desse modo, a questão das múltiplas experiências culturais foi colocada, de uma perspectiva de esquerda muito crítica em relação às ortodoxias economicistas.

No Brasil, os escritos de Thompson foram traduzidos apenas no correr da década de 80, precedidos pela versão de *A miséria da teoria* (Zahar), muito influente entre pesquisadores de diferentes campos das Ciências Humanas, o que poderia levar a falar numa “chegada tardia”, embora os pesquisadores mais interessados já os lessem, nos meios acadêmicos, no original inglês ou em versões para o espanhol.

A obra de Thompson não envelheceu, talvez pelas polêmicas que suscitou, talvez porque sempre é tempo de rever conteúdos, teorias e métodos, talvez por sua original

* Professores do Departamento de História da FFLCH/USP.

força política neste fim de século, quando predominam neoliberalismo pragmático e anúncio do *fim da História*: são muitos, ainda, os becos sem saída que a História deve explorar, as causas perdidas que precisa rever, os perdedores que tem a escutar.

Nesse sentido, permanece instigante, sobretudo porque, nela, a *Árvore da liberdade* debruça sua sombra, com veemência, sobre a *História dos vencidos*, obrigando-nos a refletir sobre a postura do historiador diante da luta de homens e mulheres, da medida de suas conquistas, ao tentar identificar artífices da experiência social nos protagonistas do passado.